

DOCÊNCIA COMPARTILHADA BILÍNGUE: FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Célia Regina Roncato ¹
Wagner Moreira da Silva ²
Rafael Cavichioli Teixeira ³

RESUMO

Dos valores que compõem os alicerces pedagógicos defendidos no presente trabalho, destacam-se a valorização do ser humano nas relações sociais, com integridade, dignidade e respeito a diversidade. Diferentes todos somos, pela própria concepção da espécie humana, que nos distingue e nos faz conviver com a multiplicidade de ideias e pensamentos, de corpos que variam nas formas de locomoção, de comunicação, de visão. Uns ouvem, outros não. Uns enxergam com os olhos, outros com as mãos, alguns andam, outros não. Desta forma, com olhares direcionados na busca por ações criativas e inovadoras, a instituição de Ensino Superior na qual os autores deste estudo estão vinculados, estimula algumas práticas pedagógicas, dentre elas, a dupla docência ou, como defendem os autores, docência compartilhada, que propõem uma relação de colaboração e parceria, visando a gama de benefícios, tanto para os discentes quanto os docentes. Diante disso, nosso objetivo com o artigo é apresentar possibilidades de formação docente, na perspectiva inclusiva, em um espaço educacional considerado bilíngue, na Unidade Curricular Libras. As aulas são ministradas por um professor surdo e uma professora ouvinte, em um ambiente de problematizações no Encontro entre Diferenças, dialogado por Ole Skovsmose, conferindo aos estudantes a oportunidade de vivenciarem a perspectiva bilíngue de educação. Os resultados indicam que a proposta formativa docente tende a aproximar os futuros profissionais da realidade vivenciada pelo estudante surdo. Os procedimentos metodológicos centram-se em relatos de experiências em uma rede de solidariedade, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Nesta perspectiva de processos formativos, a comunidade educacional da faculdade em questão tenciona promover futuramente, cursos de Libras aos funcionários e professores, contribuindo para a construção de elementos indispensáveis que complementam o conjunto de ações afirmativas, na intenção de contribuir para a melhoria da qualidade educacional.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Diversidade, Justiça Social, Ensino Superior, Encontro entre Diferenças

INTRODUÇÃO

Ao apresentar as possibilidades de inclusão no Ensino Superior, Roncato (2021) traz uma comunicação escrita enviada por uma amiga pelas redes sociais, intitulada *Carta de uma Jovem Mãe*. Trata-se de um manifesto de uma mãe que transcreve as próprias angústias diante

¹ Professora do Curso de Licenciatura em Matemática, Faculdade Sesi de Educação, Doutora em Educação Matemática voltada para a inclusão. celia.roncato@sesisp.org.br

² Professor de Física no Curso de Ciências da Natureza, Faculdade Sesi de Educação, doutorando em Ensino de História da Ciências e da Matemática. wagner.moreira@sesisp.org.br;

³ Professor de Libras nos cursos da Faculdade Sesi de Educação, Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, rafael.cavichioli@sesisp.org.br

dos momentos de exclusão vivenciados em sala de aula pelo filho. Entre umas palavras e outras, a mãe afirma: *a inclusão é de todos*. Para que essa afirmativa se concretize, é preciso que a educação escolar esteja pautada em estratégias pedagógicas adequadas e direcionadas à superação dos obstáculos de aprendizagem de todos.

Entendemos que, realmente, a inclusão é para todos e pode ser compreendida como um encontro de todos e com todos, o encontro de diferentes corpos em um dialogar entre as diferenças, encontro que promove um aprender juntos. Tende a promover as trocas de conhecimentos, como em um transitar, um vai e vem por uma ponte, permitindo a ultrapassagem de obstáculos. Como uma obra, os propósitos inclusivos vão sendo construídos passo a passo, tijolo por tijolo, fazendo conexões, criando vínculos, unindo, estabelecendo relações, construindo possibilidades de superar algo que dificulta a pessoa de chegar do outro lado. Especificamente aqui, que impede o estudante em dar continuidade às aprendizagens. A ponte liga o professor aos estudantes, em um aprender e ensinar compartilhado.

Em nossa condição de seres humanos, colocamo-nos na qualidade de diferentes, pois temos corpos que diferem uns dos outros. Uns falam alto, exprimindo em palavras dialogadas o que sentem, outros não; uns falam em um bailar de mãos e expressões que movimentam os corpos, que traduzem em sinais, uma língua visual, outros usam a voz, outros o olhar. É nesse movimento que nos encontramos entre nossas diferenças, que superam as barreiras e constroem aprendizagens, com exemplos, atitudes e habilidades de educador.

Frente ao exposto, um questionamento permeia nossos estudos: *Quais as possibilidades de estratégias utilizadas em cursos de formação docente, na Unidade Curricular de Libras, e que venham a contribuir para a compreensão do que representa a afirmação: a inclusão é de todos?*

Para responder aos questionamentos expostos, nos alicerçamos com valores que compõem os alicerces pedagógicos defendidos no presente trabalho, destacando a valorização do ser humano nas relações sociais, com integridade, dignidade e respeito a diversidade. Desta forma, com olhares direcionados na busca por ações criativas e inovadoras, a Faculdade Sesi de Educação, na qual os autores deste estudo são docentes, estimula algumas práticas pedagógicas, dentre elas, a *Dupla Docência* (por nós conceituada como Docência Compartilhada), entendendo neste fazer, uma relação de parceria e colaboração entre docentes, visando a gama de benefícios, tanto para os discentes quanto os docentes.

Nosso objetivo com o artigo é, portanto, apresentar algumas possibilidades de formação docente, na perspectiva inclusiva, em um espaço educacional considerado bilíngue, na Unidade Curricular Libras. As aulas são ministradas por um professor surdo e uma professora ouvinte,

em um ambiente de *Docência Compartilhada*, permeado de problematizações que admitimos como *Encontro entre Diferenças*, conferindo aos estudantes, futuros docentes, a oportunidade de vivenciar a perspectiva bilíngue de formação.

ENCONTROS ENTRE TODOS NÓS, ENTRE NOSSAS DIFERENÇAS

Na intenção de superar obstáculos e preconceitos voltados ao processo inclusivo educacional, os governantes de muitas nações estabeleceram Leis e Decretos. No Brasil não foi diferente e, um dos exemplos é o caso do Decreto nº 5626/05, que torna a obrigatoriedade da inclusão da Libras como Unidade Curricular em alguns cursos superiores. Assim, de acordo com Art 3º “A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério”. Dessa forma, os cursos de formação docente devem dar especial atenção aos propósitos inclusivos, reconhecendo que a inclusão é para todos e “é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando” (Brasil, 2005, p.5).

Entretanto, somente Leis e Decretos não promovem o acolhimento em equidade de condições. É preciso que o ambiente educacional seja planejado de modo a eliminar discriminação, preconceito e desconhecimentos em se tratando do estudante com deficiência, especificamente, do estudante surdo. Ainda, seguindo os estabelecidos pelos autores do documento Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015, p.10), em seu artigo 27, a pessoa com deficiência tem direito a educação em todos os níveis de ensino, de forma a “alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem”. Entendemos, então, que tolerar é admitir a existência de habilidades de talentos de todos, no movimento inclusivo do encontro com o outro, o encontro entre as diferenças descritas de todos os “nós” e os “eles”, e em todos os ambientes, especificamente nas instituições de ensino.

No sentido de encontro entre diferenças, Skovsmose (2019, p.26) compreende que a educação inclusiva pode ser interpretada “como uma educação que tenta estabelecer encontros entre diferenças”. Podemos, então, entender que nos encontramos no balanço das mãos que descrevem no ar, palavras e frases, quando emitimos diferentes sons, quando nos comunicamos com o olhar, em nossas diferenças de corpos, quando nos comunicamos em uma língua constituída por sinais e expressões.

O conceito de *encontro entre diferenças* pode ser explorado em termos mais gerais. Nós experimentamos diferenças em todos os lugares: com respeito a perspectivas, prioridades, capacidades, experiências, expectativas, etc. Todas essas diferenças geram desafios para uma educação inclusiva (Skovsmose, 2019, p.26).

São possibilidades de encontros entre as diferentes idades, as diferentes habilidades, as diferentes culturas, as diferentes religiões, diferentes formas de comunicação. Moura (2020, p.189) complementa, propondo a educação inclusiva como a *arte dos encontros*, “como uma habilidade humana de estar com o outro (ou outros) experienciando uma relação mútua, o que sugere movimento, ação de descobrir, de ter consciência de coisas novas”. Relação mútua com o outro, de encontrar, respeitar e entender o outro. Entretanto, como bem descreve Moura (2020, p.190), para haver encontros entre os diferentes, é fundamental a prática da tolerância, que é uma “relação em que o outro é reconhecido como uma pessoa diferente, com quem eu possa aprender”. Com quem eu compartilho habilidades e talentos:

Pensar a educação inclusiva em termos de encontros entre os diferentes é pensar uma educação que pratique a tolerância por meio do reconhecimento e valorização da diferença de cada um e que enxergue a possibilidade de aprender com o diferente. Esse diferente não se refere apenas a pessoa com deficiência, mas a diferenças de gênero, raça, sociais, econômicas, culturais, comportamentais entre outras, as quais têm se integrado as preocupações concernentes à educação inclusiva (Moura, 2020, p.190).

O significado de tolerar vai além, é não impor barreiras, impedimentos que venham a dificultar o viver e conviver com o outro. É compromisso, troca e interação em um aprender a conviver, um compartilhar entre todos nós e com cada um de nós, um compartilhar os obstáculos e a superação das dificuldades. Imaginando que o encontro entre diferenças ocorre em espaços educacionais, propomos discussões em situações por nós nomeadas de *docência compartilhada bilíngue*, buscando a oportunidade para que os futuros docentes possam romper barreiras que exigem mudanças nas atitudes sociais, vivenciando as experiências de uma prática colaborativa entre dois professores em um mesmo espaço educacional: um professor surdo e uma professora ouvinte.

DOCÊNCIA COMPARTILHADA BILÍNGUE

Como início das reflexões relacionadas às práticas colaborativas, é preciso entender o significado de *colaboração*, contribuição, cooperação, uma estratégia de compartilhamento. Capellini (2015) propõe estudos em ambientes educacionais e declara que um dos motivos da

escolha dos entendimentos de *colaboração* em ambiente educacional, é por lembrar o significado de apoio, ajuda e companheirismo, compartilhamento, uma possível estratégia de trabalho pedagógico. Portanto, compreendendo a colaboração na intenção de compartilhamentos, discutir as experiências de ensino colaborativo é uma temática fundamental e que vem sendo abordada constantemente.

Entretanto, quando se fala em ensino colaborativo, em geral, despontam propostas e reflexões entre os docentes que atuam na sala de aula e os professores da Educação Especial ou o profissional Intérprete de Libras. Por exemplo, Vilaronga e Mendes (2014, p.142) propõem estudos com o objetivo de “analisar as experiências práticas em ensino colaborativo, dos professores de educação especial do município de São Carlos SP”.

Vilaronga e Mendes (2014) apontam para a necessidade de se pensar a formação docente, em uma relação dialógica de ensino colaborativo:

O trabalho baseado em ensino colaborativo, também conhecido como coensino, entre professores da educação especial e da sala regular, faz parte da proposta de alguns países para a inclusão escolar de alunos com deficiência, sendo esta apontada como uma das mais relevantes. No Brasil, não é conhecido e/ou realizado pela maioria dos municípios, sendo utilizado apenas em casos pontuais e experimentais (2014, p.142).

Ao final dos estudos, Vilaronga e Mendes (2014) admitem que, embora promissor, o coensino evidencia para a necessidade de ampliação de estudos e preparação adequada de formação docente, voltada aos propósitos inclusivos educacionais destacando, ainda, novas discussões e experiência, como por exemplo, o ensino colaborativo. Nossa proposta é seguir com os entendimentos de um ensino compartilhado bilíngue.

Klein e Aires (2020) apresentam um estudo de caso com uma pesquisa que teve como objetivo, estudar as possíveis práticas de bidocência bilíngue, como uma estratégia auxiliar na educação bilíngue de surdos. O estudo foi desenvolvido em uma escola específica de surdos, no Estado do Rio Grande do Sul. Elas (as autoras em questão), ao final dos estudos, concluíram que as práticas da bidocência constituem boas potencialidades em se tratando da educação de estudantes surdos.

As práticas destacadas como bidocência bilíngue foram realizadas em sala de aula com estudantes surdos, tendo uma professora surda e uma professora ouvinte. Klein e Aires (2020, p.188) admitem que “a criança surda precisa de um ambiente escolar que lhe ofereça diferentes experiências pedagógicas [...]”. Nesse sentido, ponderamos que em cursos de formação docente, é importante que os estudantes direcionem os olhares para as diferentes metodologias

de ensino, que venham a contribuir para a aprendizagem de conteúdos curriculares e, especificamente para nós, conteúdos matemáticos.

Além disso, refletimos sobre a possibilidade de promover experiências em cursos de formação docente, que possam valorizar a cultura surda, a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, em práticas compartilhadas bilíngues. Assim, “propor uma educação bilíngue que respeite a diferença surda e que promova sua inserção no mundo, deve abordar aspectos linguísticos, culturais, sociais e curriculares”, como destacam Klein e Aires (2020, p.189). Compreendemos, pois, que as práticas colaborativas bilíngues apontam como um diferencial em se tratando da educação de estudantes surdos.

Entretanto, para que o encontro entre as diferenças evidencie os talentos, habilidades e as potencialidades de todos os estudantes, ponderamos que a proposta pedagógica de docência compartilhada bilíngue, em cursos de formação docente, especificamente na Unidade Curricular de Libras, constitui uma experiência que permite um refletir dos futuros professores quanto as especificidades educacionais ligadas à surdez, principalmente por presenciarem um ensino compartilhado ministrado por um professor surdo e uma professora ouvinte. A seguir, trazemos contribuições ao desenvolvimento de saberes que são necessários às práticas docentes.

CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DOS CONHECIMENTOS

Ao pensarmos nas possibilidades de uma docência compartilhada bilíngue, idealizamos um dialogar crítico sobre as diferentes práticas, diferentes maneiras de comunicação, de estar e ser um professor em sala de aula de um contexto matemático, como os encontros entre diferenças, a *arte do encontro*, como nos diz Moura (2020). Buscamos, então, por caminhos que envolvessem um compartilhar de habilidades e talentos entre todos nós e com cada um de nós, os “nós” e os “eles”, todos juntos.

Ser um professor significa, portanto, ter a consciência do inacabado, como nos aponta Freire (2014, p.49) “como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente”, aceitação das diferenças, experimentando os saberes que são necessários para concretizar a prática docente, que envolve estudos, pesquisas, um saber fazer. Relaciona-se com os conhecimentos que foram adquiridos no decorrer dos estudos acadêmicos, com as experiências de formação profissional. São os fios que delicadamente vão sendo colocados em um tear, com as mãos hábeis de um artesão e que, artisticamente vão sendo entrelaçados na composição do tecido, do nosso tecido acadêmico. Assim é a *arte do encontro*,

uma relação mútua de partilhar, de compartilhar a formação docente segundo a perspectiva inclusiva, para todos e com todos.

Os caminhos eleitos para a prática *da arte dos encontros*, descrevemos os pormenores eleitos, delineando, os encontros em sala de aula entre um professor surdo, uma professora ouvinte e os futuros docentes, nas diferenças de comunicação, em um curso de Licenciatura em Matemática, na Unidade Curricular de Libras. Os professores em questão dialogam, antecipadamente, os planos de ensino, as organizações, as etapas e as possibilidades de cada aula, examinando os detalhes tanto em Libras quanto em Matemática, que possam contribuir para que os alunos percebam que existem dificuldades, sim, quando abordamos a inclusão, mas as possibilidades para o ensino e a aprendizagem de uma educação para todos e com todos, são muitas. As estratégias centram-se em atender as demandas, produzindo exemplos que são mesclados entre um sinal de Libras e outro, um conceito matemático e outro, um vídeo ilustrativo e outro, trazendo reflexões para os estudantes, que vão compreendendo quais os saberes que são necessários à prática docente.

A proposta é baseada em ações bilíngues colaborativas e compartilhadas, entendendo nesse modelo educacional, a idealização de intervenções que possam produzir conhecimentos voltados à educação de estudantes surdos. Na intenção de mantermos o anonimato, denominaremos os professores de P1, para o professor de Libras (surdo), e P2 para a professora de matemática (ouvinte). Dessa forma, quem são os professores que compartilham à docência bilíngue?

Quadro 1: quem são P1 e P2

P1	Graduado em Letras Libras, Especialista em Língua Brasileira de Sinais, Licenciado em Pedagogia, Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, Professor e pesquisador na Faculdade Sesi de Educação. Pesquisador do Instituto do coração – InCor HCMUSP com foco em Sinais Cardiopulmonares para a criação de um Glossário na Área da Saúde.
P2	Graduada em Educação Matemática, Doutora em Educação Matemática na área de Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosóficos-Científicos, Mestre em Educação Matemática, professora e pesquisadora na Faculdade SESI de Educação e, embora não fluente em Libras, conhece e mantém diálogos nessa língua com especialização em Educação Bilíngue para Surdos, além do foco de pesquisa em Educação Matemática Inclusiva.

Fonte: elaborado pelos autores

Prática Compartilhada: o que nos contaram os estudantes?

Para compor esta pesquisa, convidamos os 13 estudantes do curso de Licenciatura em Matemática, Unidade Curricular Libras, que prontamente aceitaram o convite, respondendo as indagações por meio da plataforma *Microsoft Forms*. Os alunos receberam antecipadamente o link contendo as perguntas, em um total de cinco indagações.

Os participantes admitiram que a experiência da docência compartilhada tem sido um momento muito proveitoso para a formação deles, momento inovador e gratificante, deixando vontade de aprender mais e mais, como observamos na fala de um deles: “*os dois professores são bem entrosados e fazem com que os estudantes se envolvam e queiram participar de forma ativa*”. Outros comentários foram acrescidos, destacando a importância da estratégia utilizada:

Estudante A: *Podemos ter acesso a uma quantidade bem maior do conteúdo e um acesso diferenciado que nos proporciona um aprendizado com mais clareza.*

Estudante B: *Está sendo uma experiência inovadora, confesso que no início do semestre, achei que seria uma aula complexa mas, no decorrer fui percebendo o quão interessante tem sido este aprendizado e a metodologia de abordagem dos professores, dispensa comentários, excelente!*

Estudante C: *Gosto da forma como é feita, são saberes diferentes com os professores se integrando ao meio estudado. A forma de ver a partir de cada um, enriquece muito o processo de aprendizagem. Os exemplos são muito importantes para nós que não vivemos ainda essa realidade.*

Sendo a intenção da docência compartilhada bilíngue de promover a inclusão de todos, entendemos que é preciso que a educação escolar esteja pautada por estratégias pedagógicas adequadas e direcionadas à superação das dificuldades. Além disso, é importante destacar, também, o diferencial em ter um professor surdo ministrando aulas de Libras, abordando as especificidades da surdez, oportunizando aos estudantes compreender o significado da expressão: “*não façam nada por nós sem a nossa presença*”, como observado nos relatos a seguir.

Estudante D: *Está sendo uma experiência muito significativa e gratificante, ter um professor surdo nos faz aprender de maneira mais fácil, pois temos que correr atrás para entender e se comunicar com ele.*

Estudante E: *Tem sido uma experiência enriquecedora, principalmente quando a professora P2 nos deixa sozinhos com o professor P1, pois isso nos ajuda a refletir como nos comunicarmos com a pessoa surda. Ele (P1) sempre busca trazer exemplos para nossa compreensão, permitindo o nosso compartilhamento de ideias e reflexões.*

Entender que uns falam em um bailar de mãos e expressões, que movimentam os corpos e traduzem, em sinais, uma língua visual, o ambiente educacional foi planejado e replanejado, de modo a eliminar preconceitos e desconhecimentos voltados à surdez. Os comentários foram muitos, expondo a importância do engajamento entre os dois professores, além da necessidade de comunicação e as situações práticas que são apresentadas. São muitos os desafios que compõem as práticas docentes, como dizem alguns participantes do estudo, apontando para elementos que ampliam os conhecimentos:

Estudante F: *Não me sinto totalmente preparado para ministrar uma aula com alunos surdos, mas sinto que estou tendo a base para meu sucesso em sala de aula, com estratégias diversificadas que trabalhem o visual.*

Estudante G: *Pronta eu não diria. Mas acredito que consigo buscar caminhos.*

Estudante H: *Sinto-me em processo de aprendizagem, acredito que não preparado, mas disposto a enfrentar e superar os desafios que vierem pela frente. Vale ressaltar que a residência educacional que tenho realizado este semestre é numa escola municipal de educação bilíngue para surdos.*

Entendemos que os cursos de formação docente devem constituir em uma experiência que permitam um refletir dos futuros profissionais quanto as possibilidades de um ensino compartilhado, dialogado em companheirismos e ajudas mútuas. Finalmente, alguns estudantes ainda indicaram propostas para compor um ensino voltado a todos os alunos, incluindo os surdos, com instrumentos pedagógicos diversificados como, por exemplo, vídeos com transcrição em Libras, jogos matemáticos, softwares, trabalhos em grupos, entre outros.

Considerações Finais

De acordo com o documento Diretrizes Curriculares para os cursos de Licenciatura, especificamente, Licenciatura em Matemática (Brasil, 2001), os cursos de formação docente devem garantir, entre outros fatos, que os futuros professores reconheçam que a matemática deve ser acessível a todos os estudantes, além da consciência de que professores são mediadores e incentivadores da superação de preconceitos e obstáculos que tendem a dificultar a aprendizagem de todos. Frente a isso, a coordenação do curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade, propôs que houvesse dupla docência na Unidade Curricular de Libras. Foi quando, os professores responsáveis por ministrarem a disciplina entenderam a importância de denominarem como docência compartilhada bilíngue, com conteúdos e tarefas que possibilitassem, o conhecimento das especificidades que envolvem o ensinar e o aprender em se tratando da educação de estudantes surdos.

Considerando que nossos questionamentos buscavam por responder: *Quais as possibilidades de estratégias utilizadas em cursos de formação docente, na Unidade Curricular de Libras, e que venham a contribuir para a compreensão do que representa a afirmação: a inclusão é de todos?* Então, dos valores que compuseram os alicerces pedagógicos da presente pesquisa, o destaque foi em função da valorização das relações sociais e o respeito à diversidade. Sendo o objetivo da pesquisa apresentar algumas possibilidades de estratégias de formação docente, na perspectiva bilíngue, admitimos que foram atingidos, uma vez que os resultados evidenciam que a docência compartilhada bilíngue, enquanto estratégia formativa,

não apenas aproxima os futuros professores da realidade dos estudantes surdos, como tende a acrescentar estratégias no paradigma na Educação Inclusiva.

Entendemos que, ao vivenciarem a colaboração entre o professor surdo e a professora ouvinte, os licenciandos em Matemática desenvolveram uma compreensão mais profunda das especificidades da educação de surdos, além da possibilidade de aprimorarem suas habilidades e práticas pedagógicas de comunicação em Libras. A experiência da docência compartilhada bilíngue, na disciplina de Libras da Faculdade SESI de Educação, demonstrou ser um espaço fértil para a construção de conhecimentos, a valorização da diversidade linguística e cultural e o desenvolvimento de uma postura mais inclusiva por parte dos futuros professores. Pudemos observar, nos relatos dos participantes, o impacto positivo dessa abordagem na sua formação, tanto em termos de conhecimento específico sobre a surdez, quanto no desenvolvimento de habilidades de colaboração e comunicação. Ainda, embora a pesquisa tenha se concentrado em um contexto específico, os resultados podem ser relevantes para outras instituições de ensino, emergindo como uma estratégia promissora para a formação de professores, como os primeiros passos para lidar com a diversidade linguística e cultural em sala de aula, nos encontros entre diferenças, contribuindo para a construção de uma educação mais justa e em equidade de condições para todos.

Apontamos para a necessidade de ampliação dos estudos, para investigar o impacto da docência compartilhada bilíngue na aprendizagem dos estudantes surdos, bem como para identificar outros fatores que contribuam para o sucesso dessa abordagem, respondendo a outras indagações como, por exemplo: Como a colaboração entre um professor surdo e uma professora ouvinte se desenvolve na prática? Quais são os principais desafios que envolvem a docência compartilhada bilíngue? Como os professores lidam com as diferentes necessidades de aprendizagem dos alunos surdos e ouvintes, na prática?

Referências

BRASIL. Decreto nº 5626, de 2005. Que regulamenta a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, Libras, 2005.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2015.

CAPELLINI, Vera. Ensino Colaborativo: uma proposta para a escolarização do estudante com transtorno global do desenvolvimento. São Paulo: Unesp/NEaD/Redefor, 2015. (Trata-se do Texto 1 da disciplina 14 - Ensino Colaborativo: o papel do professor do SAPE ao Estudante com TGD, do Programa Rede São Paulo de Formação Docente, Educação Especial, 1ª edição), 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente. 48ª edição – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.**

KLEIN, Madalena. AIRES, Rúbia D. I. Bidocência na ducação Bilíngue para Surdos. **Momento: Diálogos em Educação.** E-ISSN 2316-3110, v. 29, n. 1, p. 187-202, jan./abr., 2020

MOURA, Amanda Queiroz. **O encontro entre surdos e ouvintes em cenários para investigação: das incertezas às possibilidades nas aulas de matemática.** Orientadora: Miriam Godoy Penteado, 2020. 218 f. Tese (doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2020.

RONCATO, Célia Regina. **Significado em Educação Matemática e Estudantes com Deficiência: possibilidades de encontros de conceitos.** Orientador: Ole Skovsmose, 2021. Tese (doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2021.

SKOVSMOSE, Ole. Inclusões, encontros e cenários. **Educação Matemática em revista.** Brasília, DF: Sociedade Brasileira de Educação Matemática, v. 24, n. 64, p. 16-32, set./dez. 2019.

VILARONGA, Carla A. R., MENDES, Enicéia G. Ensino Colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre professores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** v.95, n.239, p.139 – 151, jan./abr. 2014.